ANO XI / DEZEMBRO 1953 / N.º 110



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Na abertura do Ano Mariano — C.º Amaro 257

Um Cinquentenário — P. J. F. 259

A preparar o Natal — B. Santos 263

Os Monges de Alcobaça — J. Poças Ribeiro 265

Os nossos pobres — Carlos Galamba 273

Meio Século de renovamento litúrgico 275

Pela Imprensa Estrangeira — João Canilho 281

Apresentamos... — A. Jorge 283

Crónica — F. Melro 285

J. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES (INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços



FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

Na Abertura do Ano Mariano

Meus caros Seminaristas

Vai ser inaugurado solenemente, em todo o orbe católico, no próximo dia oito de Dezembro, o Ano Mariano, *comemorativo do primeiro centenário da definição do* Dogma da Imaculada Conceição.

Assim o achou por bem decretar Sua Santidade Pio XII, gloriosamente reinante, já para glorificar e enaltecer sempre mais as singulares prerrogativas da Excelsa Mãe de Deus, já para derramar com maior profusão sobre os homens os tesouros da graça divina, de que Maria é a fiel e zelosa dispensadora. O coração do Augusto Pontífice, sempre a transbordar de caridade para com Deus e para com os homens, há-de exultar, por certo, nesse dia, com novo ardor, ao falar a Deus das grandezas e glórias de Maria.

Aqueles que no mundo crêem, esperam e amam, e para quem Maria é a Santa Mãe de Deus, nada mais têm a fazer que fitar o doce Cristo do Vaticano, aproximando-se d'Ele em espírito, tomar parte nos seus afectos e nas suas preces, ouvi-lO na oração de Chefe da Humanidade, ser prolongamento de uma voz agradecida e suplicante.

Toda a Igreja deve estar grata e reconhecida a Sua Santidade por mais esta graça.

E Vós, que dia a dia cresceis no amor e na devoção a Nossa Senhora; que nada vos é mais caro que ver proclamar as suas glórias e os seus louvores; que andais matriculados na sua escola de humildade, de pureza e de simplicidade; que lhe confiais os anelos mais profundos e generosos do vosso coração jovem e apaixonado; que tantas vezes ao dia lhe pedis a sua bênção de Mãe e a sua protecção de Rainha, proclamai bem alto o vosso reconhecimento ao Padre Santo de Roma.

O Ano Mariano será um dilúvio de perdão e de amor.

* * *

Maria está ansiosa e sorridente à vossa espera. É Mãe que muito vos ama. Quer dar-nos graças, muitas graças, graças especiais. Ela chama-vos. E vai servir-se de tudo para vos atrair. Uma imagem, um altar, um livro, um cântico, uma conversa, um sonho...

É a Mãe a chamar os filhos. Da sua parte fará tudo para que o ano que lhe está consagrado venha a ser de mais glória para Deus. Mas só há um processo de tal efeito se conseguir: **maior santidade nos homens.** *Avante, pois, meus amigos, avante sem vacilar.*

O terço (porque não o rosário) seja mais fervoroso.

A Comunhão mais compreendida.

A penitência do dever melhor compreendida.

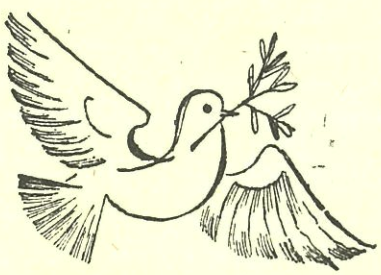
O lírio da castidade floresça com mais brilho.

A caridade seja ainda mais viva aos olhos de Deus e aos olhos dos homens.

Santificai-vos por Maria, com Maria, em Maria.

Todo vosso ded.º

C.º AMARO



UM CINQUENTENÁRIO

No passado dia 22, festa da Virgem e Mártir Santa Cecília, fez 50 anos que o Santo Padre Pio X, de santa memória, publicou o "motu Proprio" *Tra le sollicitudini,* sobre a música sacra.

Para nós, os que nascemos 50 anos depois, o documento continua sendo linha condutora neste capítulo da Sagrada Liturgia, mas nunca poderemos sentir o efeito que ele deveria ter produzido, quando o sucessor de Leão XIII, menos de quatro meses após a sua eleição para Vigário de Jesus Cristo, na Cadeira de S. Pedro, se dirige ao mundo cristão quase pela vez primeira, falando de música!...

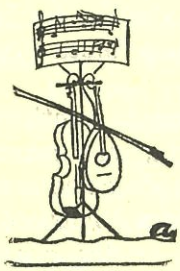
O Cardeal Sarto tinha chegado ao Supremo Pontificado, percorrendo todos os degraus da Sagrada Hierarquia e ocupando lugares que e o haviam posto em contacto com os mais diversos recantos de vida da Igreja. O que ele não vira desde os tenros anos em que percorria a pé longos quilómetros para aprender as primeiras letras, passando pelas lides da vida paroquial, observando e ensaiando experiências na preparação dos futuros padres no Seminário de Salzano, até à cruz e à glória de Bispo de Mântua, de Patriarca de Veneza, e Papa da Igreja Universal. À medida que, em cada novo contacto com o estado da cristandade, ia sentindo a necessidade de trazer a maior participação da vida litúrgica, os filhos de Deus, que às vezes pareciam ignorar que o eram também da Igreja, o coração do futuro Papa, ia gizando o seu campo de acção.

Instaurare omnia in Christo — cristianizar os cristãos, para que todos eles se sentissem, em volta de Jesus, «restaurados», formando a humanidade nova, «a nova criação», como dissera S. Paulo, seria o seu lema.

Findara o século XIX, que depunha nas mãos do novo Pontífice um triste mundo maltratado pelo cruzamento de todos os desvairos, materialista nas ideias, individualista na acção, romântico no sentir e uma Igreja cujos filhos eram homens deste próprio mundo.

Dentre tantos reflexos de tais males, a expressão pública da vida

da comunidade cristã — a participação dos fiéis nos sagrados mistérios da Liturgia — era pouca e pouco consciente. A exterioridade banal abafava o real sentido do culto e uma espécie de autosuficiência individualista mantinha a muitos distantes e inconscientes das inefáveis riquezas que, em Cristo, pela Igreja, o Senhor nos utorgou. Ser cristão seria ainda crer, praticar, viver, mas no restrito âmbito do «eu» individual, não já na largueza imensa da comunidade baptizada, corpo místico de Jesus, que é, desde a terra, a futura celeste Jerusalém.



Quantas vozes, entrando nos templos da sua paróquia ou da sua diocese, o futuro Papa, vendo as crianças que não eram dignas de comungar (!), ouvindo cânticos que talvez deleitassem mas não rezavam, e que eram a profanação da casa de Deus, — «casa de oração», — não diria consigo, ingènuamente, profèticamente: «Se eu fosse Papa!...»

Que faria? — Instaurare omnia in Christo, procuraria dar à comunidade cristã um sabor mais cristão, aquele sabor que também Pedro não tinha quando ouviu da boca do Mestre: «Tu não tens o sabor das coisas de Deus». E o Senhor chamou-lhe seu contrário. Era, pois, necessário, para não ser contrário a Deus, dar a todas as coisas o sabor de Cristo.

*
* *

Que o «motu proprio» sobre a música sacra teve em vista uma reforma, di-lo claramente o último parágrafo; uma reforma, que seria apenas um capítulo no movimento que o grande Pontífice empreendeu sob a epígrafe, hoje lugar comum, mas do mesmo flagrante interesse: «a participação dos fiéis nos mistérios sagrados é a fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão».

As ideias fundamentais do documento podem assim agrupar-se:

1.° — A música sacra é a expressão cantada da oração da Igreja. «Assim como o seu fim principal, diz o texto, é revestir de adequadas melodias o texto litúrgico proposto à consideração dos fiéis, assim o seu fim próprio é acrescentar maior eficácia ao mesmo texto, a fim de que, por tal meio, se excitem mais fàcilmente os fiéis à piedade e se preparem melhor para receber os frutos da graça, próprios da celebração dos sagrados mistérios».

Toda a palavra divina que os textos litúrgicos nos oferecem é o eco longínquo do Verbo — a Palavra de Deus, que, feito homem, se ouviu à face da terra. Mas a expressão cantada é linguagem mais profunda que a expressão falada, acordando nas próprias palavras ressonâncias ocultas que doutra maneira lhes não saberíamos ler. É a sua interpretação mais total, a sua leitura mais devota, a sua mais arroubada meditação.

Donde, conclui o Santo Padre, a letra não pode servir de mero pretexto para belas partituras. Cantar na Igreja é rezar, duaz vezes até, conforme o dito de Santo Agostinho e não entreter ou deleitar sòmente.

2.º — A música sacra é fundamentalmente o canto gregoriano. «Uma composição religiosa será tanto mais sacra e litúrgica quanto mais se aproxima no andamento, inspiração e sabor da melodia gregoriana, e será tanto menos digna do templo quanto mais se afastar daquele supremo modelo».

A questão hoje reconquista seguramente o seu terreno. Claro que ouvidos, docemente habituados ao romantismo de música de teatro ou de fado não entenderam à primeira a urdidura grave e austera do canto gregoriano. A própria modalidade estranha, em parte, aos últimos tempos, pareceu talvez coisa abstrusa e arcáica. Mas a observação calma e consciente da interpretação que a melodia faz do texto, a expressão de Paz, de recolhimento, de sinceridade religiosa, superior a todo o preconceito, de que ele repassa a alma que reza cantando, não deixa mais dúvida sobre a palavra do Papa. Porém, mais do que todo o valor artístico de tal canto, é o facto da Igreja o chamar *seu,* e tal facto não poder senão garantir que, se o Espírito de Deus o não inspirou, são agora os seus gemidos inenarráveis que nele se ouvem e por ele sobem ao coração do Pai.

A arte, porém, é um dom de Deus ao homem. Para o servir em cada tempo, ela há-de evolucionar com o próprio homem.

Também é, pois, natural que o homem ponha ao serviço de Deus todas as novas aquisições que ele na arte soube encontrar. E a Igreja não se fecha às suas novas manifestações. A música figurada, clássica ou moderna, é digna de ser linguagem da Igreja, desde que realize em si aquelas qualidades sacras que ela reconhece eminentes no canto gregoriano.

3.º — As «sábias reformas» do «Motu proprio» devem passar, «com todo o zelo» à prática, para que a Igreja do século XX cante, não só no seu coração, mas que não deixe mais cessar nos seus lábios «o cântico

novo» que o divino Salvadar, triunfando da morte e do pecado, lhe deu o poder de cantar.

Terá o «Motu proprio» conseguido o seu intento? É certo que pargas de partituras se recolheram, envergonhadas, à poeira das bibliotecas, depois que o documento pontifício apareceu, e que outras nasceram, ostentando, como novo reclame, a indicação de que eram conforme ao «Motu proprio» de Pio X.

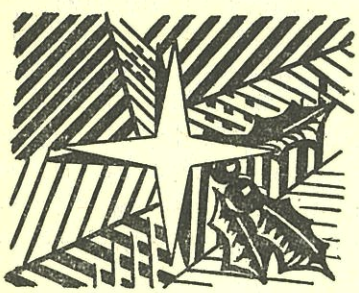
O próprio canto gregoriano, devido principalmente à paciência beneditina de Abadia de Salesmes, ressurgiu, como a águia dos salmos, remoçado, dos velhos cartapácios, onde estava tão mal estimado.

Mas a Igreja de hoje é já aquela «ecclesia» a cantar que o Beato Pio X quis, quando, entre as muitas e graves solicitudes do seu munus de Pastor supremo, há 50 anos, nos chamou para aqui a atenção?

Ainda não, por certo. No entanto, o muito que já se fez é esperança do muito que se há-de fazer. No meio dum mundo que emudece de tristeza e dor, rezemos com as palavras que a missa estacional da Quaresma em Santa Cecília põe na boca da mesma santa: «Ne claudos ora te canentium, Domine; Senhor não permitas que se cale a boca dos que te cantam», para que o mundo sem esperança saiba que pertencer à comunidade cristã é ser duma Igreja que crê, espera e ama e não sabe calar, diante de todo esse mundo, esta sua Fé, esta sua esperança e este seu Amor.

Na festa de Santa Cecília, V. M., do ano jubilar do «Motu proprio» do Beato Pio X.

P. J. F.



A Preparar o Natal

No verão passado lia-se nos jornais a notícia de abalos sísmicos que provocam a destruição total da cidade de Argostoli nas ilhas do Mar Jónio. Habitações arrasadas. Famílias sem lar.

Ainda estava presente à Europa o caso das inundações da Holanda, motivadas por um maremoto nas águas do Mar do Norte. O pânico fora geral nas vítimas e na nação inteira.

O sentimento humano dos povos manifestou-se de uma e outra vez em forte corrente de solidariedade que se traduziu na oferta de géneros alimentícios, vestuário e demais formas de auxílio.

Retrocedendo, deparamos no após-guerra com multidão de expatriados, sobretudo crianças, entregues à caridade pública.

Sem passar fronteiras, o problema dos que não possuem lar, ou tendo-o é como se o não tiveram, é entre nós mais actual do que nunca.

O Natal é a festa destes desamparados sem lar, sem nada. O Salvador assim quis nascer. E nesta pobreza do Presépio descobrimos o *amor* na Sua luz mais pura.

Um coração verdadeiramente católico não pode deixar de se dilatar à lembrança de quantos a miséria visita. Há exemplos que são realidades animadoras. Muitas famílias albergam necessitados e os sentam consigo à mesa. Os nossos patronatos e catequeses dispensam um cuidado particular às crianças nesta quadra do Natal, vestindo e alimentando as que precisam. E raras são as freguesias que não fazem outro tanto.

A dar exemplo anda o Papa e noutro lugar um cardeal americano.

O Natal marca o padrão para a unidade e paz entre os homens. É sobretudo festa de comunidade. E esta é mais que simples sociedade. Supõe comunhão de almas. A família que se diz *cristã* não pode esquecer quantos a ela pertencem, ainda que órfãos sem abrigo em consequência de ódios nacionais, de cataclismos ou até mesmo de injustiça social. Tam-

bém não lhe pode ser indiferente a *Igreja do Silêncio,* que espera da alma do corpo místico, a sua vitalidade heróica.

A verdadeira preparação para o Natal é a que começa pelas disposições interiores, a que se baseia na alegria pela vinda do Salvador, cuja mensagem é a *paz e o amor entre os homens.*

* * *

Na nossa modesta contribuição para a vossa festa do Natal, não nos compete ensinar. Cada lar sabe restaurar-lhe o verdadeiro sentido e, nos elementos externos, seja o campo social do mundo de hoje, sejam as tradições ou folclore popular, encontrar estímulo para as disposições íntimas e primárias. Encontrou-o S. Francisco de Assis na representação, pela primeira vez, da cena do presépio, que a nossa tradição portuguesa tão bem conservou.

— Mas onde encontrar elementos úteis e elucidativos quanto à verdade da Incarnação, liturgia ou tradições do Natal?

Queremos apenas sugerir alguns.

Para uma compreensão do Mistério indicamos a leitura bíblica (1) e autores (2) como D. Guérangar, D. Columba Marmion, D. Van Hontryve.

Luís Chaves, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio, este numa compilação de clássicos, fornecem-nos leituras amenas respeitantes ao nosso folclore do Natal. (3)

Autos como os de Maria da Soledade e Alípio Vicente falam-nos do Natal, festa de crianças e pastores, encarando-o pelo verdadeiro prisma da simplicidade e pobreza. (4)

B. SANTOS

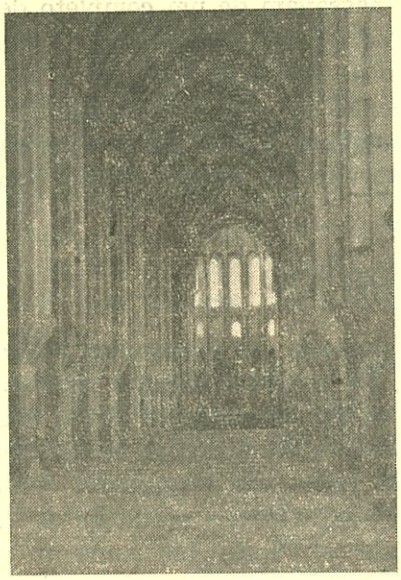
---

(1) Leitura bíblica:
Ps. — 2 — 7 — 84 — 95 — 109 — 116 — 129.
Is. — IX/2-6; XL/1-6; XI/1-9.
Mich. — V/1.
Lc. — I/1-55: Anunciação e Visitação.
II/1-20: Natividade e Adoração dos pastores.

(2) Autores cristãos:
D. Guéranger O. S. B. — L'année liturgique.
D. Schuster O S. B. — Liber Sacramentorum.
D. AEmiliana Loehr O. S. B. — L'année du Seigneur
D. Columba Marmion — Cristo nos seus mistérios.
D. Van Houtryve — Liturgie du Noel.
«Le Noel» — Album n.º de Décemb. 48 — (Fêtes et Saisons).

(3) Luís Chaves — Natal português — Livr. Clássica ed. — Lisboa.
Vitorino Nemésio — Natal português.
Aquilino Ribeiro — O livro do Menino Deus — Bertrand.

(4) Maria da Soledade — Natal florido — Livr. Apostolado da Imprensa.
Maria da Soledade — Autos: «Sonho do vagabundo» e «Sonho duma noite de Natal» — do livro «Vamos brincar aos teatros» — respectivamente I e II vol.
Alípio Vicente — «Quatro lendas do Menino Jesus» — Liv. Pax-Braga.



OS MONGES DE ALCOBAÇA

É muito vulgar pensar-se que Alcobaça tenha surgido com a fundação do Mosteiro, e isto mesmo nos levam a crer as insinuações dos cronistas alcobacenses. No entanto, recuando nos tempos, temos de datar a sua existência do período romano.

A esta conclusão se chegou pelo aparecimento de muitas medalhas, moedas e outros metais antigos, provocado por uma desastrosa inundação, que em Alcobaça se deu no ano de 1774. O ilustre investigador Fr. Santa Rosa de Viterbo, acha mais comprobativo o facto de em 1780, na época da lavoura, terem aparecido no campo de Alcobaça, onde hoje fica a povoação do Valado, umas inscrições duns sepulcros, mais tarde tansportadas para o mosteiro. Da análise dessas inscrições ,se depreende que a deusa Minerva era ali objecto de culto dos romanos.

Quanto à existência de Alcobaça como povoação romana, parece-nos não subsistirem dúvidas.

— Na altura em que se fundou o Mosteiro, haveria vestígios de antiga povoação em Alcobaça? — eis uma questão merecedora de esclarecimento: — As colónias romanas da península não conseguiram resistir à dominação sarracena. Todo o território de entre Óbidos e Leiria, que inclui a região de Alcobaça, serviu como muitos outros, durante longos anos, de arena em que se digladiavam cristãos e mouros. A longa série de guerras travadas, provocou devastações e razias constantes; a região tornara-se por isso inóspita.

---

* Passa este ano o 8.º centenário da morte de S. Bernardo. Em comemoração do facto, apresentamos este trabalho sobre os monges de Alcobaça, frisando o papel dos cistercienses na fundação do mosteiro e a sua real influência, ainda hoje sentida na civilização portuguesa.

Todos os escritores de Alcobaça nos dizem que na época em que se fundou o Mosteiro, aqueles sítios não passavam de um completo descampado. Igual testemunho nos dá Alexandre Herculano ao dizer: «Fundou-se nesta época (1153) um mosteiro, o de Alcobaça, que veio a ser o mais célebre de Portugal e a cujos monges se deve sucessivamente a cultura duma extensa parte da alta Estremadura, a qual até aí fôra uma vasta solidão e que por muito tempo servira de campo neutro entre cristãos e sarracenos».

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

A fundação do Mosteiro anda emaranhada de numerosas lendas, pelo que é difícil desvendar a verdade. Os próprios monges cronistas sustentam opiniões bem diversas. Eis a de Fr. Bernardo de Brito, mais conhecida e perfilhada: — D. Afonso Henriques, ao dirigir-se de Coimbra para a conquista de Santarém, no alto da Serra dos Candeeiros, recordando os milagres do Santo Abade de Claraval, fizera a promessa de lhe dar as terras que dali avistava, para nelas se fundar um convento da mesma ordem.

Existem contudo outras suposições, porventura tendenciosas, que contrapondo-se à de Brito, apelam para os interesses de D. Afonso Henriques ao presentear a quem, mercê de excelsas virtudes, gozava de enorme prestígio em toda a Europa.

Segundo o parecer dos cronistas alcobacenses, o nosso primeiro monarca outorgou a carta de doação ao Abade de Claraval em 1151. Só dois anos depois, em 1153, D. Bernardo apresenta ao nosso Rei D. Afonso I, por meio de uma carta, o frade Rolando, que seria o primeiro abade de Alcobaça. E é nesse mesmo ano de 1153 que, sob a orientação dos enviados de Claraval, começa a construção do «mais notável mosteiro de quantos existiram em Portugal». (1)

OS MONGES DE ALCOBAÇA E A CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

A Agricultura

Instalam-se os cistercienses em Alcobaça, e um vastíssimo campo de acção se lhes depara: — a nascente, pedregosa e nua, erguia-se a Serra

(1) História da Igreja em Portugal — Fortunato de Almeida, vol. I, p. 276.

dos Candeeiros; estendiam-se, a poente, as águas salgadas cobrindo os campos de Valado e Maiorga; e nas outras direcções tudo era extensos ermos revestidos de densa vegetação. As mais ricas várzeas, cobertas de águas estagnadas. jaziam estéreis. A região, como muitas outras, devido à intranquilidade dos tempos, era periòdicamente devastada. E assim se compreende fàcilmente que a população seja nula onde não há «segurança bastante para extraír da agricultura o indispensável à vida». (1). Guizot, célebre historiador francês, apelidara os monges beneditinos de «arroteadores da Europa», e nós não exageramos atribuindo aos monges alcobacenses o epíteto de «arroteadores da Estremadura».

Logo de início não puderam contar senão com as próprias mãos para desbravar os terrenos circunvizinhos; a continuação do arroteamento e o cultivo das terras já desbravadas, exigia o labor de numerosos braços. Acharam-se pois os monges na necessidade de atrair colonos e constituir núcleos populacionais. Deste modo surgem as primeiras cartas de povoação, preciosos documentos de singelas mas autênticas leis agrícolas. Favorecem-se todos os meios que incutam ao colono amor e persistência no trabalho. Concedem-se-lhe as maiores regalias: após determinados anos de cultivo, a terra fica-lhe pertencendo; os anos de cultivo exigidos variam consoante a qualidade dos terrenos. Na maioria dos casos, os monges só entregavam os terrenos depois de os haverem preparado; noutros, porém, se exigia ao colono que segundo as suas possibilidades debravasse o que fosse necessário. Era ainda o mosteiro que fornecia os intrumentos agrícolas indispensáveis. O metal, extraído do subsolo, sob a orientação dos monges, era por eles preparado nas ferranias adrede construídas. Rebelo da Silva nos diz serem os frades de Alcobaça os primeiros que em Portugal se entregaram a este género de indústria.

Para mais fàcilmente se amanharem os terrenos distantes, fundam-se em vários pontos granjas, a que hoje chamaríamos «escolas agrícolas». Aí era colocado um mestre superiormente incumbido da orientação e progresso da agricultura. Dessas escolas ficaram célebres as que o Mosteiro criou no Valado, Cela, Évora e Vimeiro. E mercê de todos estes factores, comandados pela avultada ciência agronómica dos monges, o cenário vai-se modificando. Pelos campos desbravados, vicejam já abundantes searas; frutíferas oliveiras se estendem pelos serros agrestes.

(1) Idem, p. 541.

Os matagais transformam-se em pomares e vinhedos esperançosos. Constroem-se lagares. A indústria da molinagem adquire apreciável desenvolvimento; muitos são os ribeiros cujas águas se aproveitam. Pelos longos descampados vão surgindo ridentes povoações agrícolas, onde se erguem igrejas, simbolizando a perfeita união do «arado com a cruz» e traduzindo a beneditina conjugação do «Ora et Labora». Para assistir a essas capelas e atender às necessidades espirituais dos habitantes, envia o Mosteiro para junto deles um monge. A rudeza dessas gentes vai diminuindo. A par da técnica agrícola, é-lhes ministrado o ensino das verdades cristãs que vão pondo cobro a seus desregrados costumes. O exemplo dos monges foi a sua melhor prédica; uma vida de trabalho e oração incutia nos povos o amor ao trabalho e a espiritualização desse mesmo trabalho.

E enquanto por um lado se amansam charnecas e se cultiva o terreno já desbravado, abrem-se as vias de comunicação necessárias. Para se assegurar o desenvolvimento dos rebanhos, constroem-se grandes estábulos. Os monges cuidaram também de ganhar terreno às águas por meio de drenagens.

No número das várias povoações que o Mosteiro fundou, conta-se a vila da Pederneira, construída expressamente para fomento da indústria piscatória. E nas marinhas de Alfeizerão, que ficaram célebres, extraía-se o sal em larga escala.

A Assistência

Logo desde a fundação, o Mosteiro começou praticando aquela virtude que de todas é mãe — a Caridade. Às portas do convento batia toda a casta de andrajosos e indigentes, em busca de lenitivo para aliviar suas misérias e todos eram atendidos com extremosa solicitude. Diàriamente se distribuiam avultadas esmolas pelos pobres da região e por todos os que apareciam; o número diário de alqueires de pão para os pobres, somava a expressiva conta de 24 a 25.

Juntamente com o pão, se distribuía na portaria a carne e o peixe que sobejavam do refeitório dos monges. O agasalho que contìnuamente se repartia era considerável. Contudo era em Quinta-feira Santa que as dádivas atingiam o índice máximo: nesse dia, muitos pobres comiam no refeitório; repartiam-se 3.500 a 4.000 pães; para os párocos dos Coutos enviava o Mosteiro 20 alqueires de trigo ou milho para que os distribuis-

sem pelos seus pobres.

Não é menos digno de referência o grande hospital que existia no Mosteiro, onde gratuita e evangèlicamente eram tratados os pobres não só dos Coutos, mas todos os do reino que ali acorressem pedindo auxílio. Deles cuidavam os monges que exerciam a medicina. Era até cargo dos de maior consideração e responsabilidade no mosteiro o de director da enfermaria dos pobres. Para receber e tratar os desditosos gafos construiram os monges junto ao seu mosteiro uma gafaria. Entre as muitas ocupações a que se entregaram os monges alcobacenses, ocupava lugar muito especial a prática da caridade.

A Cultura

Fàcilmente se avalia o estado intelectual do país. Não havia civilização nem esforço por adquiri-la. «As lutas contínuas que revolviam o pequeno Portugal, as diferentes raças que do norte vieram fomentar a agricultura, não davam lugar a que a instrução se desenvolvesse». (1) Reis e nobres obcecavam-se com a guerra, pois que, conseguida já a independência nacional, havia que cuidar-se da conservação e do alargamento do território. A população, entregue às guerras de conquista ou ao desbravamento do terreno, estava bem longe de se preocupar com a aprendizagem das letras. Era a instrução apanágio exclusivo dos mosteiros, onde havia o maior cuidado em cultivar a arte das letras, a «que mais lustre dá aos homens e às províncias», no dizer de Fr. Luiz de Sousa. A linguagem corrente dos documentos era um complexo de romanço e alatinado, uma algaraviada horrenda, desrespeitando as mais elementares regras da sintaxe e da gramática. O latim, língua oficial de Igreja, deixara de ser entendido pelos fiéis. Já no Concílio de Tours se ordenara que quem contactasse com o povo se lhe dirigisse em língua dele conhecida.

Começaram pois a aparecer escritos e traduções de feição religiosa a fim de serem entendidos pelos fiéis. Essas obras, em Portugal, irradiaram em grande parte do mais notável centro cultural de então, do Mosteiro de Alcobaça. Além das numerosas biografias que os monges alcobacenses escreveram, contam-se muitas obras de carácter religioso e moralista. Na Biblioteca de Alcobaça se começou a elaborar no séc. XIII um dicionário latino-português que se foi enriquecendo até ao séc. XV. Todas estas obras são incontestàvelmente de grande valor

(1) O Mosteiro de Alcobaça — M. Vieira Natividade, p. 128.

filológico, indispensáveis para um profundo estudo da evolução da língua portuguesa.

Nessa mesma época, os cenobitas alcobacenses, vertiam para português diversas obras latinas, francesas, espanholas e de outras línguas. que os nossos religiosos estudantes em universidades estrangeiras de lá traziam.

«Aos costumes bárbaros do tempo e à falta de mestres, acrescia a raridade o preço exagerado dos livros». Perante isto, muitos dos monges de Alcobaça se dedicaram à cópia de manuscritos tanto de autores antigos como de escritores contemporâneos. Reproduziam livros antigos de História eclesiástica e civil, bíblias, dicionários, comentários, etc.. O conjunto destas obras formou a famosa colecção dos códices alcobacenses que «fariam o nobre orgulho de qualquer país ou ordem religiosa». (1) Pois foram estes pacientes monges que na quietude do cenóbio, «criaram com perseverança e amor tenaz a mais vasta biblioteca da nossa Idade Média». (2)

Só no reinado do Rei Bolonhês é que a instrução se começou a desenvolver. Alcobaça não só olhou com simpatia este despertar mas incorporou-se no movimento a ponto de o comandar. E tanto assim que ao seu Mosteiro cabe a honra de ter sido o primeiro em Portugal a abrir aulas ao público, nas quais se lia «Gramática, Lógica e Teologia para os mancebos de fora do mosteiro que quisessem aproveitar». (3) O abade do mosteiro a quem se deve tão alta iniciativa foi D. Fr. Estevão Martins que inaugurou pessoalmente as aulas a 11 de Janeiro de 1269. É, pois, de justiça que Alcobaça se orgulhe com o facto de amparar a nação no ensaiar dos primeiros passos no vasto campo da instrução nacional.

E mais tarde, no século XVII, foi ainda do Mosteiro de Alcobaça que partiu a feliz ideia de se escrever toda a história da nação. Enquanto os historiógrafos de 400 e 500 «limitavam o âmbito de suas obras aos acontecimentos desenrolados em volta duma ilustre personalidade ou ao sucedido em dado lugar do Mundo Português», (4) alguns iluminados cérebros de Alcobaça na era de 600, procuravam «demonstrar a persis-

---

(1) Brotéria, (Agosto e Setembro-1950) — «Da vida e da morte dos monges de Alcobaça» — Mário Martins.
(2) Idem.
(3) Alcobaça Ilustrada — Fr. Manuel dos Santos, p. 100 — cit. em O Mosteiro de Alcobaça — M. N. Natividade.
(4) A língua e a literatura Portuguesa — P. A. da Cunha, p. 328.

tência da gente portuguesa através dos tempos, desde a fundação do mundo, sempre triunfante das transformações da terra e sempre obreira de grandes feitos». (1) Surge deste modo a «Monarquia Lusitana» em que Fr. Bernardo de Brito procura compendiar tais factos tão dignos de registo. Continuou esta obra o ilustre restaurador da história pátria, Fr. António Brandão, «uma das mais nobres inteligências que Portugal tem gerado», no dizer de Herculano.

As Artes

Se bem que o Mosteiro de Alcobaça se notabilizasse mormente na agricultura e na educação literária, de modo algum desprezou o cultivo das outras artes. Lembrado de que «todas as manifestações da arte serviam para exprimir o sentimento cristão», o Mosteiro recebia artistas de qualquer género com o fim de professarem na Ordem, e mantinha escolas em que as artes se aperfeiçoavam e desenvolviam. A cerâmica, a pintura e escultura, foram artes muito queridas no Mosteiro alcobacense. A escultura, na época da Renascença logrou considerável perfeição, e ainda hoje nos restam, felizmente, preciosas relíquias dos barristas de mil e quinhentos. Entre as numerosas imagens-relicários que figuram no santuário da Sacristia, sobressai a cabeça degolada de S. João Baptista que Ramalho Ortigão considera «digna de concorrer entre as mais belas obras da escultura nacional».

Também no campo da Arquitectura surgiram grandes valores entre os monges. Com seus conhecimentos arquitectónicos, contribuiram grandemente para a estabilidade e progresso do Reino fortificando vilas e reconstruindo praças e castelos arruinados.

* * *

Ao longo de toda a história da Real Abadia Alcobacense, nem sempre perdurou este benéfico clima de pacífica vida pastoral. O seu influxo benfazejo começa a enfraquecer logo que, desbravadas e entregues à cultura e aos respectivos povoadores as terras dos coutos, os monges, já ricos, deixam de cultivar a terra, como insinua Fr. Fortunato de S. Boaventura. Do séc. XIV em diante, os frades vão perdendo o sentido espiritual da sua missão. A sua expulsão, a 16 de Outubro de 1853, dia

(1) História da literatura clássica — Fidelino de Figueiredo, p. 200.

em que rebentou em Alcobaça um pronunciamento liberal, foi o golpe mortal para o glorioso Mosteiro.

As nódoas existentes na história dos Monges de Alcobaça, não nos fazem contudo esquecer a missão que até ao século XIV esses monges desempenharam como «a mais bela, a mais nobre, a mais civilizadora, que jamais coube a uma classe social». (1)

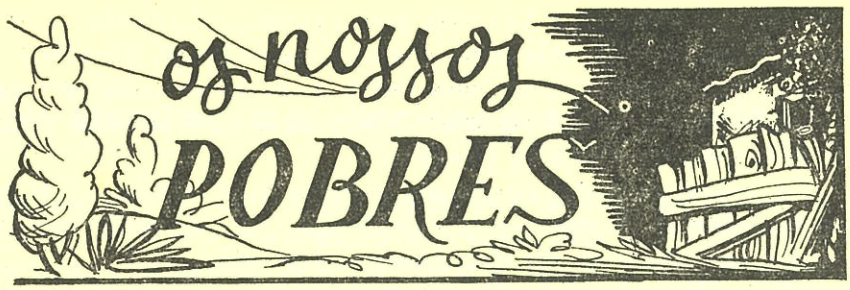
Alcobaça nasceu com Portugal e «está ligada a tudo o que fez de Portugal uma nação verdadeiramente original, única na sua grandeza solitária». (2) A Abadia Alcobacense, na feliz imagem de Daniel Rops, era a cabeça que pensava, o braço que guardava, o coração que batia por toda uma província.

A história dos frades de Alcobaça e dos coutos alcobacenses não é apenas um capítulo primário da nossa história, ela é «quase que a história de toda a civilização portuguesa». (3)

J. POÇAS RIBEIRO

---

(1) Ramalho Ortigão, «Farpas», I, p. 233.
(2) Daniel Rops, «Une Abbaye de France en terre portugaise», «Ecclesia», Março de 1952.
(3) Ob. cit., p. 229.



Um documento. É um documento da vida do pobre esta conta que tenho diante de meus olhos e coloco debaixo dos teus: 14 tostões de azeite; 14 tostões de batatas; 4$50 de bacalhau; 15 tostões de sabão; mais 7 de açúcar e 5 de café.

É o aviamento de uma Mãe de família em dia de sábado, com a única quantia que possui certa: os pobres dez escudos que os nossos vicentinos lhe levam em cada semana, alegres e tristes por não poder ser mais.

É um documento, digo, porque dá testemunho do equilíbrio daquela mulher e também da necessidade de mais alguma coisa do que pão, do qual não só vive o homem.

Sete tostões de açúcar e cinco de café — o «luxo» de uma família durante sete dias!

Um documento, digo, porque, por ele, eu e tu podemos fazer meditação e perguntar, cada um à sua consciência: Onde a modéstia no meu desejar? Onde a mortificação no meu satisfazer? Quanta banalidade senhora de mim?

O recanto mais sincero do nosso coração talvez responda em suspiro contrito com o Eclesiastes: «Oh vaidade das vaidades! Tudo é vaidade».

Esta família de quem se fala ainda conserva nobreza de passados dias melhores. Nota-se certo acanhamento em receber, o que exige de nós muita delicadeza no dar. Não pedem. Dizem envergonhadamente a sua penúria, como se a vergonha dela nos não pertencesse...

Habitam por esmola uma cavalariça, mas ali tudo é ordem e asseio. No orçamento tão reduzido de dez escudos, ao lado do prato forte: 14 tostões de batatas, outro tanto de azeite e 4$50 de bacalhau, há 15 tostões de sabão. Estes pobres ainda precisam de limpeza, graças a Deus.

A um canto um caixotinho contém todo o bragal da família. No outro, fronteiro, umas tábuas cobertas por duas caricaturas de colchão,

unidas uma à outra para aumentar o espaço, são a cama de todos eles. Cobertor, apenas um, e há muito pouco tempo por esmola. E por sobre estes farrapos todos, dois panos brancos, muito brancos, muito bem engomados, muito dignos, como nem talvez a colcha de seda cara que cobre a tua cama, escondem dignamente aquela indigna miséria de que eles se envergonham e tu e eu também.

A roupa de vestir condiz em pobreza e em decência. O chefe da família, doente, precocemente envelhecido, tem de pedir emprestado o casaco naqueles dias em que consegue trabalho.

Dois filhos são já do Céu. Outra, de sete anos — a quem nem cinco davas... — tem uma sombra no pulmão e muitas sombras no seu rosto triste. O pequenito, ainda de meses, engana-se sugando o peito da mãe, porque ela não comendo não tem leite — e ele estiola até que Deus permita.

Contudo, louvado seja o Senhor porque esta gente ainda necessita de higiene; tem fome de pão e conserva a dignidade da sua raça humana; resigna-se a morrer à míngua, porém não renuncia a morrer de pé.

Assim, a esperança dura enquanto dura a vida. Um pouco mais de Caridade activa e o maior mal terá o seu remédio.

Depois, reposta aqui a Justiça, ficarão disponíveis para outras dores o teu coração e o meu.

Vem próximo o Natal.

Nem tu nem eu comeríamos tranquilos a consoada se o nosso irmão mais pobre a não comesse também. Nem a sobremesa teria doçura se não fôra repartida!

Querer-se-á café e açúcar; porém não chegam 5 tostões de um e 7 do outro. E antes deste «luxo» é preciso caldo e conduto que satisfaçam a família toda.

Depois, falar-lhe-emos do Menino Deus que veio trazer a Paz aos homens de boa vontade e ensinar pelo próprio exemplo as delícias que há em sofrer.

Depois, dir-lhe-emos que não têm nada que nos agradecer; nós sim, porque eles, membros doridos do Corpo de Jesus, são verdadeiramente nossos benfeitores.

Depois, sentiremos: uns pelos outros amor, e concórdia reinando entre nós.

Oh, quem dera que a nossa boa obra bastasse para remir os vazios da tua vida e da minha!

CARLOS GALAMBA

Meio século de renovamento litúrgico

Pode balizar-se o movimento litúrgico entre o Motu proprio de Pio X «Inter plurimas» (1903) e a encíclica «Mediator Dei» de Pio XII (1947). É o documento pontifício de 1903 que chama a atenção da Igreja universal para a necessidade duma renovação litúrgica. Não esquecemos a obra realizada nos quarteis últimos do Século XIX por Dom Guéranger. Foi no entanto, a obra dum precursor. Alentados pela voz do Beato Pio X, logo em França os beneditinos de Solesmes desempoeiraram os esquecidos tesouros do canto litúrgico medieval; logo na Bélgica o Cónego Callewaert remoçou o círculo litúrgico de Bruges onde a Abadia de Saint-André se tornou célebre pelas contínuas edições e melhoramentos do missal de Dom Lefebvre. Era um movimento que despontava; era o ponto de largada para uma obra nova.

A Mediator Dei é, no dizer de Dom Gabriel de Sousa, a «canonização» do movimento de vida litúrgica fomentado, sobretudo, por alguns célebres mosteiros da Ordem Beneditina. Exprobrando a inércia de certas pessoas e a imprudência de outras, a encíclica transforma-se no fulcro onde seguramente se apoiam os esforços dos teólogos, do clero paroquial e, até, dos leigos a quem legìtimamente preocupa a necessidade dum verdadeiro culto vivo e eficiente. Dela partem todos os movimentos, todas as iniciativas que, um pouco por toda a parte, favorecem a revivescência litúrgica actual.

* * *

---

* «L'Actualité religieuse dans le monde» consagra várias páginas do seu 12.º número (15 Setembro-1953) à história do actual movimento litúrgico. O artigo vem sob o título de «Dez anos de Pastoral Litúrgica» e motiva-o, precisamente, o décimo aniversário do C. P. L. (Centro de Pastoral Litúrgica) em França. Conglobado no plano da revista, o artigo é umas das respostas aos problemas nascidos do recontro do mundo actual com a Igreja de sempre. É pelo seu profundo interesse que adaptámos o artigo e agora o publicamos.

Não nos foi possível reproduzir a documentação fotográfica de «L'Actualité», mas não passamos sem nos referir, pelo menos, à esplêndida imagem da bênção do Lume-Novo. Não é um fogareiro de chama débil e envergonhada; é a fogueira que irrompe activa a simbolizar Cristo, Vencedor das Trevas.

(Adapt. de F. Melro)

Na Bélgica, o impulso do Movimento deveu-se, a Dom Lambert Beauduin da Abadia de Mont César. Antes que tivesse professado, trabalhara como padre diocesano entre os operários de Liège. Desta sua experiência ficou-lhe a urgência de uma vida da Igreja que se adaptasse às precisões dos mais humildes de entre os fiéis. Na tradição beneditina foi encontrar a fonte espiritual e aquela ambiência eclesiológica que lhe serviria de modelo. Então, compreendeu o alcance desmedido para a massa popular de um contacto embora reduzido mas consciente e bem compreendido, com as riquezas da liturgia onde se franqueiam todos os alimentos da nossa fé.

Lançado o Movimento, Dom Beauduin apoia-o com uma série de publicações que logo bastamente se divulgam. Do primeiro fascículo da revista «Vie liturgique» são tirados 150.000 exemplares que se esgotam em quinze dias. Em poucos meses, as assinaturas passam de 70.000.

Antes de mais, Dom Beauduin quis atingir o clero paroquial de quem depende a prática da vida litúrgica. Organizou em Mont-César um círculo de sessões para o clero; transformou a «Vie liturgique» numa revista apenas destinada aos sacerdotes, dando-lhe o título de «Questions liturgiques et paroissiales»; fundou o «Centro de Documentação e de Informações litúrgicas», hoje dirigido por Dom Bruylands e prestando ainda óptimos serviços ao clero belga e estrangeiro; deu incremento às investigações histórico-teológicas que enriqueceram as fontes dos estudos litúrgicos, etc..

É na linha das suas intuições que a Abadia de Saint-André desenvolve, neste após-guerra, uma acção litúrgica que a tragédia europeia havia quebrado. É suficiente citar, como órgão do mosteiro, a revista «Paroisse et Liturgie»; e, como um dos vários monges afincadamente devotados ao movimento, o nome de Dom Mâertens.

Nos grandes mosteiros beneditinos da Bélgica, possuem os que estudam e apostolizam a Liturgia muitas das fontes para os seus trabalhos.

* * *

É ainda pela acção dos beneditinos que, na Alemanha, o Movimento continua e se desenvolve.

Foram os monges de Maria Laach que condensaram, na sua actividade em favor da renovação litúrgica, todas as tendências da teologia e da erudição do Século XIX e dos inícios do Século XX. A grande Abadia renana é, ainda hoje, um centro frutuosíssimo de reuniões e estudos. O seu contributo para o formidável avanço na restauração da vida litúr-

gica deveu-se, principalmente, a Dom Ildefons Herwegen (1874-1946) e a Dom Odon Casel (1886-1948).

Nos trinta e dois anos em que foi Abade de Maria Laach, Dom Herwegen pôs a sua vasta cultura e os seus densos estudos ao serviço da causa litúrgica, na Alemanha, que ele sempre orientou. Encaminhou a equipa desses trabalhadores incansáveis que tão excelentemente serviram a Liturgia na Alemanha e no estrangeiro, como na Idade Média haviam servido à construção da Europa cristã; organizou retiros litúrgicos e fundou uma academia de estudos patrísticos, frequentada até por monges da Igreja separada dos Balkans; criou, no seu mosteiro, oficinas de arte sacra; dirigiu e colaborou em obras de largo interesse nos meios intelectuais.

Todavia, a celebridade de Dom Casel é, talvez, superior à de Dom Herwegen. Sem dúvida, poucos personagens tiveram influência maior ou igual à deste monge no renovamento do pensamento teológico moderno. Na sua juventude escolar entusiasmara-o bastante o Centro de Estudos Litúrgicos de Maria Laach. Havendo entrado, enfim, para esse mosteiro em 1905, consagrou-se de todo ao estudo. A sua fecunda erudição ficou bem demonstrada numa obra monumental, fonte inesgotável e necessária para quem trabalhe, científica ou pastoralmente, a bem do renovamento litúrgico. Com Odon Casel, a erudição monástica tornava-se a garantia de um trabalho pastoral, autêntico.

O que, porém, mais qualifica este monge, é, fora de dúvidas, o ter contìnuamente afirmado e fundado sobre um trabalho de erudição rara o seguinte princípio, hoje absolutamente vulgarizado, de tal maneira é fecundo: — «*A festa da Páscoa é a expressão cultual da essência do Cristianismo*».

Dom Odon Casel morreu em circunstâncias comoventes. Ele que tanto se esforçara pela restauração do sentido da Grande Festa, recebeu do Senhor a graça de morrer no decurso da vigília pascal em 1948. Como diácono, havia entoado o «Lumen Christi», e encaminhava-se para a estante onde cantaria o «Exultet». Não foi ali que o cantou; foi na presença do Cordeiro Pascal, na presença do Cristo ressuscitado que o Lume Novo simbolizava.

Sob o impulso destes dois beneditinos, a influência de Maria Laach alargou-se de toda a Alemanha ao estrangeiro. É por sua orientação que as beneditinas alemãs de Santa Cruz de Herstelle se consagram a repor a Liturgia no verdadeiro lugar que lhe cabe na piedade dos fiéis.

Além disso, o convento possui várias e óptimas oficinas de arte sacra. A própria fundadora, Aemiliana Loehr, é-nos bem conhecida pela sua obra, vinda até nós em tradução francesa, «L'Année du Seigneur». Da história do mosteiro há um facto que pode chamar-se pitoresco mas que diz algo de mais profundo: — Sob o governo hitleriano, as monjas de Herstelle tomaram por devoção a reza cotidiana dos salmos penitenciais... E foram as únicas religiosas enclausuradas da Alemanha a não sofrer repressão alguma dos nazis.

Na mesma linha de influências, um outro beneditino, Dom Fleischmann, iniciou a tentativa de, nas Congregações modernas de religiosas, substituir a recitação diária do Ofício Menor de Nossa Senhora pela dum resumo mais substancial, variado e rico do Ofício Maior. A campanha tornou-se corrente tanto na Alemanha como na França. Nos dois países são várias as edições vernáculas do Breviário para os fiéis.

Das paróquias alemãs orientadas na prática pastoral por Maria Laach, são notáveis as que se confiaram aos Oratorianos. Os de Leipzig, havendo pedido a mais atrasada paróquia da última das dioceses, mudaram-na em paróquia modelar. Este apostolado pela Liturgia é, na zona soviética, o mais seguro e quase único a que o Padre se pode consagrar. Aliás, assim acontecera sob o regime hitleriano.

O Movimento que, no último após-guerra, atravessara um período de desinteligências provocadas por um choque de exageros e de retraimentos, prossegue agora com mais prudência e ligação à hierarquia.

Entre os que deram e continuam dando o seu concurso à renovação litúrgica, devemos citar, ainda, alguns teólogos ou ensaístas como os Professores Arnold e Fischer; o Padre Jungman; Erik Peterson e, sobretudo, Romano Guardini, de quem conhecemos os livros vertidos para francês, «L'Esprit de la Liturgie» (1) e «Le Seigneur». A ele foi confiada a tradução oficial para a língua alemã do saltério. Grande avanço para o uso do vernáculo na Liturgia.

A Alemanha católica, afrontando gravíssimos problemas e talhada em duas zonas politicamente adversas, soube fortalecer-se com este renovar da vida litúrgica que, no dizer de Pio XII, «evidencia bem o princípio de que todos os cristãos formam um só corpo estreitamente unido cuja cabeça é Cristo».

* * *

(1) Temos em português duas edições desta obra: uma da Livr. Arménio Amado — (Coimbra, 1949) e outra da Ed. Lumen Christi — (Rio de Janeiro, 1943).

O movimento litúrgico na Áustria deve muito ao Padre Pius Parseh que aproveitou largamente os ensinamentos de Maria Laach. O seu esforço orientou-se mais para a prática pastoral que para a investigação científica. De uma rude freguesia, nos arrabaldes de Viena, fez o seu campo de estudo.

Estimulara-o a sua estadia na Rússia durante a primeira grande guerra. Lá observara quão grande era o enraizamento do povo russo no seu mundo litúrgico.

Iniciada a experiência com uma pequena comunidade na igrejinha de Santa Gertrudes, fez sua preocupação única a participação activa do povo na vida litúrgica. Aos domingos,, são numerosos os fiéis que se juntam a rezar matinas em alemão; com maior solenidade, seguem-se as laudes; e toda a gente está na igreja às oito horas para a Missa Solene. O uso da língua alemã nos cânticos religiosos, a celebração de frente para o povo, a leitura em vernáculo da epístola e do evangelho, o ofertório de dons naturais para os membros precisados ou para obras beneficentes, tudo isto faz desta missa dominical um tipo de celebração que, no mundo inteiro, muitos outros párocos vêm seguindo.

Num país, onde o culto ao modo barroco, com infindáveis concertos musicais, com cerimónias espaventosas e vazias que deixam o povo sem o alimento espiritual duma vida litúrgica verdadeira, o esforço de Pius Parsch e dos seus colaboradores tem pela frente um campo considerável para fazer participar o povo da Liturgia.

* * *

Foi em 1943 que se fundou em Paris o Centro de Pastoral Litúrgica. A organização foi iniciativa particular de dois sacerdotes, os Padres Roguet e Duployé. O C. P. L. não é, por consequência, órgão oficial do Episcopado. No entanto, a simpatia mostrada, logo de princípio, por numerosos bispos, as consultas feitas, o geral acolhimento dos seus trabalhos fazem do C. P. L. o organismo orientador da vida litúrgica na maioria das dioceses e paróquias francesas. Nele colaboram estreitamente pessoas das mais diversas tendências e formações: padres diocesanos, beneditinos, dominicanos, jesuítas, oratorianos e leigos. É notável o apoio que os beneditinos belgas sempre lhe deram. Na revista trimensal do Centro, «Maison-Dieu», encontramos, amiúde, colaboração de Dom Beauduin, Dom Botte, Dom Rousseau, etc..

No entanto, não confundamos o movimento litúrgico em França com o C. P. L.. Este surgiu para estudar, unificar e orientar o muito que

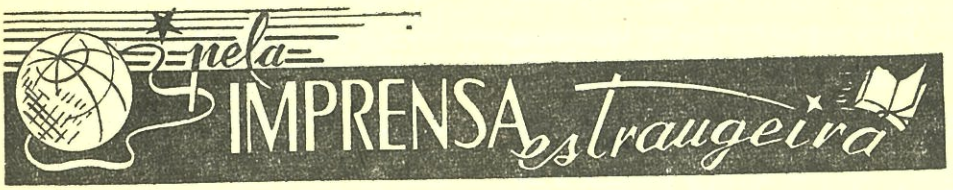
já se fazia e agora se faz, seja em Colombes com os Padres Michonneau e Rétif, seja em São Francisco Xavier de Paris, com Mons. Chevrot; seja nas freguesias cristianíssimas da Alsácia, seja nas regiões descristianizadas onde trabalha a «Missão de França». A França é hoje, tanto para a pastoral litúrgica como para o apostolado missionário, um país, de experiências. Com a orientação do C. P. L., muito se contribuiu para a solução de problemas como o do ritual bilingue, o das missas à tarde, das modificações no jejum eucarístico e o da restauração da Vigília Pascal.

Outros assuntos são aclarados, como o da missa dominical, técnica da missa dialogada, aproveitamento de cânticos populares, etc.; ou o do missal para os fiéis que têm de perder esse cheiro de «livrinho de missa» com os mais ridículos desenhos e com toda a espécie de devotas orações, excepto o texto da missa.

Além de muitas reuniões diocesanas, o C. P. L. organiza todos os anos, em Versalhes, uma outra reunião onde se encontram normalmente uns 500 sacerdotes de toda a França. Conseguiram enorme sucesso as várias sessões de formação para leigos realizadas nos últimos anos. O fim de tais assembleias não é meramente litúrgico, se tomarmos de Liturgia o conceito que alguns fazem: regulamento do culto, ou mesmo, arte de deslumbrar a assistência com esplendorosas pompas. São assembleias com fins verdadeiramente doutrinais em que tomam parte igual historiadores, teólogos, exegetas e párocos desejosos de melhor compreensão da Liturgia.

Para que a Liturgia seja, como exige a «Mediator Dei», uma «*acção do povo de Deus*», o C. P. L. procura findar com a barreira que existe entre a maioria dos fiéis e as cerimónias tradicionais da Igreja. São indispensáveis os comentários, as velhas «admonições» da missa e dos ritos sacramentais. A rádio, a televisão e o cinema prestam grandes serviços à causa litúrgica. São abundantíssimos os frutos havidos entre crentes e descrentes, da missa dominical radiodifundida, com a homilia bem apoiada no Evangelho próprio e com discretos mas exactos comentários à cerimónia.

Outro empreendimento de sumo alcance é a já referida publicação do breviário para os fiéis. A obra, inteiramente em francês, teve um sucesso que bem testemunha o gosto dos leigos mais fervorosos por esta fonte inexaurível de vida espiritual. A Igreja não são apenas os sacerdotes; é a humanidade integrada em Cristo.



Eficácia da Igreja . . .

Th. Suavet «Masses Ouvrieus» Junho 1953 - n.º 87

É frequente ouvir censurar a Igreja pela sua ineficácia. À luz da fé é problema que não se põe. Pois duvidar da eficácia da Igreja seria perder a confiança em Jesus Cristo. A Igreja, nós o sabemos, é a Sua própria Sobrevivência: Cristo difundido e comunicado, é Jesus Cristo completo e na sua plenitude. A Igreja opera portanto em Cristo e por Cristo, a sua missão nunca poderá falhar. Pelo contrário ela será sempre fecunda, dinâmica e perene.

Dentro duma visão humana, porém, será justo levantar o problema. Pois se a Igreja, na verdade é ineficaz, para quê manter uma instituição que não serviria para nada?

COMO SE PÕE O PROBLEMA

As objecções mais frequentes reduzem-se essencialmente a duas: para uns a Igreja perdeu já a força vital que fez dela grande obreira da civilização; para outros, está em crise e incapaz de comunicar ao mundo a mensagem evangélica.

Os primeiros dizem que a Igreja foi civilizadora na Idade Média — a única força civilizadora aliás. E não esqueçamos que a transformação operada pelos seus monges quer cultivando as inteligências quer desbravando campos ou construindo os primeiros hospitais, tornaram possível no campo ideológico a verdadeira cultura científica e inspiraram as bases da assistência humanitária dos nossos tempos. — Mas logo que se registaram os primeiros progressos técnicos e científicos esta missão civilizadora modificou-se profundamente.

Pouco a pouco tudo vai ganhando a sua autonomia e esta influência da Igreja vai diminuindo. Tudo se passa como se ela não tivesse mais de ocupar-se com as coisas deste mundo. Outrora à cabeça do progresso social, parece hoje estar em atraso em relação ao mesmo.

Para as mãos dos leigos passaram as obras de assistência, o estado civil tomou conta do ensino e a Igreja perdeu progressivamente o seu papel civilizador.

Os segundos exprimem mais ou menos abertamente que a Igreja é incapaz de comunicar ao mundo de hoje a boa nova do Evangelho.

A sua acção exerce-se só junto dos pobres e de gentes sem influência; aqueles que têm um papel na sociedade, dirigindo empresas, administrações, movimentos políticos, escapam à sua esfera de irradiação. Se a Igreja é um sinal, nós queremos ver esse sinal.

Nós acreditamos em Cristo se virmos os cristãos exercer uma acção real e eficaz em favor da justiça e da paz e praticar os preceitos do evangelho. Ora é precisamente o contrário. São justamente os condenados pela Igreja como materialistas que dão testemunho em favor da justiça e sofrem por ela.

O cristianismo já foi ultrapassado. O mundo de hoje não pode suportar as suas exortações. A sua mentalidade é doutro universo mental e a liturgia feita por homens doutras idades não fala à sensibilidade moderna.

MISSÃO DA IGREJA

Deixando isto à reflexão de cada um dos que se dizem cristãos, pois é motivo de sério exame de consciência, tentemos definir a atitude da Igreja diante destas censuras.:

«Ide e ensinai...» isto é, evangelizai «Baptizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» ou seja, santificai.

É a missão própria da Igreja gravada para sempre nas páginas do evangelho.

E a Igreja em cumprimento a esta ordem começou desde o princípio a difundir as verdades que tinha a transmitir aos homens. E hoje como nunca milita através do mundo inteiro: exigências universalistas da sua doutrina. Mas a Igreja é um Mistério, por conseguinte a sua eficácia é também misteriosa; «o reino de Deus não vem com aparato» e é isto que nos engana. Esquecemos o aviso do Mestre «o reino de Deus está dentro de vós» e nós queremos observá-lo à nossa maneira humana e dizer «Ei-lo aqui» ou «Ei-lo acolá», mas é espiritual e como tal foge aos nossos sentidos.

É, portanto, temerário julgar a eficácia da obra evangelizadora apenas pelo aspecto externo.

TENTATIVAS DE SOLUÇÃO

A Igreja não é uma sociedade civil mas religiosa. Ela deixa aos homens toda a liberdade no temporal:

«Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

No entanto esta liberdade é condicionada: respeitando a autonomia da sociedade profana, a sociedade religiosa não pode permanecer neutra no que respeita às coisas humanas.

A Igreja quer o bem do homem, mesmo neste mundo, por isso tem o direito de exigir que a sua dignidade seja respeitada. Eis porque às vezes se fala em reivindicações da Igreja em face das sociedades temporais. Quando estas se dão é porque não é respeitada a dignidade do homem; ela exige para cada um o bem estar material e uma cultura correspondente à altura da civilização e acima de tudo condena a exploração do homem pelo homem...

Estas intervenções devem ser consideradas excepcionais.

Com os seus princípios e directrizes, a Igreja pode mesmo superintender aos organismos duma civilização. Contudo na sua finalidade essencial transcende tudo isto que é contingente.

No decorrer da história houve oportunidade de intervir mais de perto nesta expansão e organização da natureza humana que é objecto das sociedades temporais. A Igreja, porém, regozija-se quando vê diminuir a necessidade do seu ofício de suplente para poder consagrar toda a sua vitalidade à sua tarefa própria.

A Igreja é portanto uma realidade; a sua eficácia é porém misteriosa. Porque tem Cristo como Chefe é imortal a sua acção e a «sua existência têm as dimensões da humanidade».

A história manifesta que a Igreja, mais que qualquer outra instituição, coopera para assegurar, à custa de lutas e perseguições, o sentido da dignidade humana revelada pelo evangelho.

À medida que o profano toma a sua autonomia, mais responsável se torna o cristão para manter no mundo a presença activa da Igreja.

Se os cristãos contudo permanecem ineficazes isto não é mais que a consequência da sua infidelidade à Igreja.

«A Igreja é a humanidade organizada em Deus por Cristo — Há daqui por diante no mundo uma síntese do divino e do humano inaugurada em Cristo pela Incarnação, continuada em nós por esta encarnação permanente, social, chamada Igreja» — Sertillange, «Cath. des Incroyantes».

JOÃO CANILHO

APRESENTAMOS...

Os melhores espíritos do nosso tempo interrogam-se angustiados na ânsia de uma solução: trata-se de conciliar a fidelidade a Deus com a fidelidade ao homem.

O cristão deve estar presente ao mundo, mas sem ser do mundo, deve lutar por um mundo melhor, mas na certeza de que o mundo ideal só o terá no Fim dos Tempos; sobretudo deve manter bem viva a chama da fé para que não faça deste mundo o céu definitivo.

A espiritualidade tradicional, conservando muito embora a sua perenidade, parece-me que ainda não conseguiu apresentar uma síntese viva a todos aqueles que em si mesmos sentem o dilema. Nem tal é de admirar porque surgiram necessidades novas. Durante algum tempo, o cristão procurava garantir a sua salvação individual defendendo-se do mal do século, isolado em comunidades mais ou menos fechadas e nem sempre alheias a uma certa miopia de visão. Hoje todos recebemos dos Pastores legítimos o encargo de conquistar para Cristo esse mesmo mundo. Daí a necessidade de identificarmos o nosso destino com o desse mundo, abraçando dele tudo excepto o pecado.

Algumas tentativas, no entanto, se têm verificado. Entre todas sobressai a do C.º G. Thils, com a «Théologie des Réalités Terrestres» (Casterman). E no princípio deste ano, publicaram Éditions du Seuil, do P. Jean Daniélou, o admirável «Essai sur le Mystère de l'Histoire», de uma assombrosa largueza de visão pelo que nos diz das acções sacramentais na História da Salvação e do seu relacionamento com a evolução natural das civilizações e das culturas.

Na mesma linha de orientação, apareceram nos últimos meses, editadas por Éditions Ouvrières, (1) três obras de real valor, ligadas todas por um nexo lógico.

* * *

«PRÉSENCE À DIEU, PRÉSENCE AU MONDE» — *Émile Rideau.*

O Autor é jesuíta e Assistente da União Social dos Engenheiros Católicos. Parece-me que podemos adivinhar toda a génese desta obra na interrogação penetrante da p. 152 — «Poderá haver disponibilidade à acção de Deus sem haver acolhimento aos homens?»

Como poderemos nós permanecer fiéis às exigências da fé sem atraiçoar a nossa condição humana?

Fidelidade ao céu e à terra, à eternidade e ao tempo, a Deus e ao mundo?

«Mundo» não tem aqui o sentido que S. João lhe dá de «reino do demónio», mundo é o mundo simplesmente, tal como nós o encontramos, cheio de defeitos e limites, mas também de sonhos, aspirações e possibilidades.

Não estamos perante uma obra tendenciosa. O P. Rideau quis permanecer na fidelidade mais absoluta à Igreja e ao Evangelho. Desenvolve as virtudes evangélicas genuínas, o espírito de sacrifício e de pobreza, mas de acordo com as condições do mundo moderno, integradas na luta pela justiça e na esperança do proletariado. Apesar de tudo não se notam exageros de populismo. O Autor dá-se conta e analisa as técnicas do apostolado contemporâneo, sobretudo nos meios operários: renovação do espírito paroquial, missões regionais, espírito missionário. Mas dá o lugar merecido aos cristãos da burguesia, chamados também à luta.

Numa primeira parte apresenta-nos reflexões referentes ao ciclo litúrgico; na segunda, o desenvolvimento de uma série de problemas missionários.

Como se diz na apresentação, «não há ninguém que após esta leitura não fique mais ardente, mais fiel à vida de todos os dias, mais certo de viver, na humildade, uma epopeia grandiosa».

* * *

(1) *Les Éditions Ouvrières,* 12 — Av. Soeur-Rosalie, *Paris* (XIII).

«SIGNES DE DIEU» — *Joseph SIBLOT*

Aos que O procuravam de boa fé, Cristo não recusou sinais. Pelo contrário, Ele deu o sinal da Sua vida, dos seus milagres, da sua Ressurreição. Ele dá continuamente aquele sinal que Sertillanges chamou o «Milagre da Igreja». Ele dá enfim o sinal dos Sacramentos.

O presente volume pretende ser uma exposição de teologia sacramentária ao alcance de todos os cristãos. Impressiona-nos logo à primeira esta preocupação de situar os valores sacramentais nas necessidades quotidianas. Todos os pormenores da nossa vida têm um sentido e podem valorizar-se. O sobrenatural impregna o nosso mundo. Ao cristão cumpre viver bem aberto a estes acenos de Deus, o *sinal da água,* pelo Baptismo que o torna filho de Deus, o *sinal do beijo,* que o reconcilia com Deus, o *sinal do pão e do vinho...* Finalmente, o *sinal da Mãe,* esboço do papel de Maria na economia sacramentária, e o *sinal do Coração,* a Caridade, de todos o mais eficaz para o nosso tempo.

O estilo é nervoso e acessível, consegue sacudir o leitor e levá-lo a uma vida cristã mais consciente.

«Dizem os cristãos: o pecado apodrece o mundo.

E o mundo diz: onde estão os cristãos autênticos?

Tiremos da nossa vida o pecado: e então o mundo, menos apodrecido, poderá ver os cristãos». (p. 75)

* * *

«CIVILISATION» — *L. J. LEBRET*

Antigo oficial da marinha, o A. é um convertido que entrou na Ordem dos Dominicanos. De todos bem conhecido pela sua competência em assuntos sociais, ele é a alma do Centro de Estudos «Économie et Humanisme», movimento de uma ousadia insólita no nosso tempo, uma vez que pretende levantar toda uma teologia da vida social ùnicamente apoiada sobre o Evangelho e as directrizes da Igreja, abstraindo por completo do enfeudamento ao comunismo ateu ou ao capitalismo paganizado.

A pedido de militantes cristãos, o P. Lebret começou a escrever obras que os formassem numa fidelidade absoluta à Igreja e às responsabilidades temporais de cada um. Daí nasceram os célebres volumes «Guide du Militant», I-II, «De l'Efficacité Politique du Chrétien» e vários outros, análise lúcida das «forças ao assalto do mundo» e dos princípios e bases de uma nova pedagogia do sentido do social.

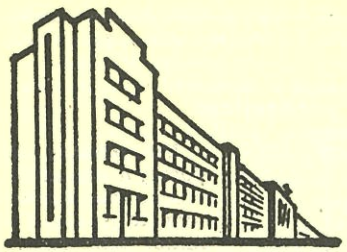
O seu último livro, saído dos prelos há poucas semanas, destina-se também a dar aos militantes a consciência do seu papel civilizador, mesmo enquanto cristãos.

«No segundo mandamento, «Amarás o teu próximo como a ti mesmo», está contido todo o autêntico esforço civilizador dos cristãos. Trabalhando simplesmente, onde quer que seja, pelo reino de Deus, que só pode ser um reino de fraternidade, o Cristão não cessa de realizar actos civilizadores. Quem ama e faz amar, civiliza infalìvelmente; quem evangeliza correctamente não pode deixar de civilizar, ainda que tal não seja o objectivo imediato». (Pref. do Autor).

No seu estilo característico, o P. Lebret traça, em pinceladas rápidas, quadros sucessivos de regiões que atravessou e de tipos representantivos das civilizações actuais. O traçado é de uma fidelidade escrupulosa, pelo que o leitor se vê obrigado a julgar por si próprio. Esta obra faz pensar, faz reflectir. Daí o seu proveito.

É especialmente esclarecido o «Discurso de Deus» que encerra o volume: «A mensagem (de Cristo) era uma mensagem de libertação espiritual. Ele não trazia consigo nenhum sistema de economia, não preconizava nenhum regime político determinado. Proclamava, com toda a simplicidade, os direitos e deveres do homem, e as condições para entrar no Seu Reino. Ele não definia uma civilização. Mas era como que um fermento purificador no seio de todas as civilizações».

A. JORGE



CRÓNICA

Começando

Ao findar o dia 28 de Setembro, entoávamos na Capela do Seminário o «Veni Creator Spiritus». A sobriedade monástica da melodia dava com o momento. Para alguns, viveram-se as primeiras horas duma vida que, generosamente renunciando a outros ideais, totalmente se dava a Cristo. Para vários, era, enfim, a entrada no Seminário Maior; enfim, o dia que, nos anos infantis de Santarém, se fantasiara como o das descobertas de longínquas Índias; que nos anos de Almada fora manhã de nevoeiro de ansiosas esperanças. Para outros, a poesia era diferente; regressava-se de três meses de ausência; era o tempo que velozmente corria, urgindo sempre mais a necessidade de o aproveitar.

Adiante, surgia um novo ano lectivo, nove meses de intensa colaboração com o Espírito Santo. E, até ao dia de Santa Teresinha, foram quatro dias cheios de labor espiritual para que houvéssemos um caminho bem traçado e as energias para melhor o vencermos.

O Rev.mo Senhor Padre Albano Mendes Pedro, da S. P. M. C. U., dirigiu-nos os exercícios. As conferências simples, os exemplos variados da sua experiência em África e, até, a lição da sua presença ajudaram assaz a sementeira divina da sua palavra.

... E Outubro foi assim

Mês de colheitas por esses campos fora; mês de bênçãos para o lavrador, de abundância para os precisados. Foram vindimadas as últimas cepas e alindaram-se as oliveiras com o negro dos seus frutos a prometerem safra abençoada.

Para nós foi mês de larga sementeira. Além dos quatro dias de retiro, ouvimos por duas vezes as palavras do nosso Eminentíssimo Prelado; ouvimos as do Padre Lombardi que veio, também, ao nosso Seminário; recebemos o testemunho vivo de dois antigos cursos que por cá andaram, que trabalharam na vinha vários anos, e agora vieram a matar saudades; vivemos, piedosamente, o Mês do Rosário; celebrámos, solenemente, a festa de Cristo-Rei. E o estudo da teologia ou da filosofia; e os primeiros contactos com a catequese; e as primeiras visitas aos pobres dos seminaristas vicentinos; e etc., etc.! Foi, de facto, um mês de sementeira.

Uma só Verdade

É impossível separarmos as palavras de sua Eminência das que nos disse o Padre Lombardi. As de Sua Eminência traziam esperança e pediam doação. Assim as do Padre Lombardi.

Falando-nos do equilíbrio entre a cultura e santidade, entre carácter e virtude, entre o homem e o sacerdote, o Padre Lombardi confirmou o que, tantas vezes escutáramos a Sua Eminência. É que ambos leram os mesmos Evangelhos, aprenderam na mesma e única Santa Igreja.

O grito de revolução que nos trouxe o Padre Lombardi pôs-nos mais despertos para verdades há dois mil anos ensinadas por Cristo. «A história da Igreja futura está nos seminários de hoje» — disse ele. Quer dizer: — Se «importa construir um mundo novo a partir dos alicerces», tais alicerces temos de ser nós. A realidade é forte, mas só nos cabe responder com o grito optimista do Padre Lombardi, erguido

em nome do Papa: — «Faremos a revolução!»

Não bastam, porém, os entusiasmos. Na conferência que nos fez nesse dia 21 de Outubro, o célebre pregador jesuíta demorou, sobretudo, o capítulo da preparação no Seminário para esse mundo novo. À luz da encíclica «Menti Nostrae» (como, aliás, o tem feito o Senhor Cardeal Patriarca), falou minuciosamente da formação sacerdotal a partir dos fundamentos mais humanos. Lembrou que no Seminário têm de encontrar-se os elementos e ganhar-se as virtudes que se encontram e ganham na Família: — o respeito pela autoridade, o ordenamento das faculdades afectivas, o sentido social, a lealdade, etc....

«Faremos a revolução». Mas, antes, é preciso que sejamos padres como indica a «Menti Nostrae»; padres que, no dizer do nosso Eminentíssimo Prelado, «não sejam nem uns desiludidos, nem uns exaltados»; «padres de coração virgem, de carácter sólido, de alma esperançosa».

Matando saudades

Estiveram reunidos no Seminário dois Cursos que, há vários anos, partiram para o seu trabalho de sacerdotes.

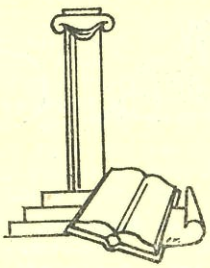
O de 1937 quase já nem sabia os cantos à casa. Com dezasseis anos de apostolado, traziam o peso da experiência e a lembrança do bom tempo de jovens. Apetecia-lhes modificar o que Junqueiro dissera: — Ai, há quantos anos que eu parti «cantando» — Deste meu saudoso, carinhoso lar!...

Não já assim o Curso de 1946. Esse é, salvas as venerandas excepções, um curso de padres ainda jovens, capazes de calçarem umas botas de futebol e de nos pedirem meças. Não lhes faltava, porém, experiência. Experiência e poesia foram os muitos discursos que lhes ouvimos.

Vindos ambos os Cursos reavivar a candeia acesa do seu ideal, ambos nos deixaram o testemunho das suas dificuldades e conquistas. Vivendo as horas calmas do Seminário, desde a Missa cantada à Bênção solenissima e até às sessões de arte que lhes oferecemos, os sacerdotes desses dois Cursos fizeram-nos viver algumas horas do nosso futuro.

...Mas, se vinham para matar saudades, queira Deus que antes as avivassem.

Sessões académicas



Na tomada de posse, a actual direcção da Academia de Santo António, apresentando como é costume o plano dos trabalhos a versar no ano das suas actividades, abrangera-os sob o tema de «O sentido de Deus no mundo actual». A sessão de abertura, no dia de Cristo-Rei, foi orientada de modo que salientasse quão enorme o interesse e perfeita a actualidade dos assuntos escolhidos. Todos que assistiam e, sobretudo o Senhor Cónego Vice-Reitor, que presidia, ficaram deveras agradados pela originalidade da sessão.

Combinando a projecção fixa de quadros alusivos com a gravação de um argumento dialogado, de poesias e de música seleccionada, os organizadores deram-nos a impressão de assistirmos a uma real projecção cinematográfica. Se a arte é nova e ainda não lhe deram nome, propomos este que é erudito e bem-soante: «paracinematografia».

* * *

No domingo seguinte, foi a primeira sessão normal. «O sentido de Deus no mundo das técnicas» era um tema que atraía; e, de facto, a assistência acorreu numerosa. O académico João Salvado Ribeiro desenvolveu um profundo estudo sobre «Progresso técnico e Mensagem Cristã». Apontando a lamentável tecnocracia do mundo moderno, falou dos rectos conceitos e das lídimas relações de progresso, técnica, especialização e civilização. Colocando o progresso técnico na linha das finalidades humanas, salientou-lhe os desvios para o culto demasiado da matéria, para a pragmatização da vida e para o escoramento geométrico do espírito. No entanto —

disse ele — a técnica constitui uma esperança para a Igreja, já dando glória a Deus, já auxiliando a formação do homem, já favorecendo a difusão da cultura.

Como lição prática deste trabalho, outro académico, José Sampaio Ferreira, falou da posição religiosa e social das grandes nações bálticas, impérios da tecnocracia, onde é lema conseguir-se «o máximo de conforto para o mínimo de indivíduos».

Padre Plácido Guerné

Passou vários dias connosco o antigo e sempre lembrado Professor de Teologia Dogmática do nosso Seminário, Senhor Padre Plácido Guerné, SS. CC..

Se o conhecíamos bem, era pela simpatia com que nos falavam dele os sacerdotes que o tiveram por mestre. Agora, melhor o conhecemos porque a sua fala de novo foi ouvida, ali no anfiteatro, leccionando, com todas as simpáticas características de excelente professor, uma aula sobre o «De Eucharistia».

As suas palavras e a sua figura mostraram-nos quanta razão há para que o Senhor Padre Plácido tenha, na lembrança dos sacerdotes do Patriarcado, um lugar especial de simpatia e saudade.

O Seminário recebeu-o com alegria; e, temos a certeza, foi também com alegria que Sua Reverência voltou por uma hora à sua antiga cátedra, passou uns dias no seu saudoso Seminário e, visitou a sua querida Sacavém...

Que muitas outras vezes seja benvindo a Portugal e ao Seminário dos Olivais.

F. MELRO

NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

Dirigimo-nos a todos os assinantes a fim de que nos enviem directamente, até ao Natal, a importância relativa às suas assinaturas.

SUMÁRIO DE 1953

Acção Católica (A especialização na) — *J. Carlos S. Sousa* 47
África Negra (A evolução na) — *A. Alves Guerra* 206
Alcobaça (Os monges de) — *J. Poças Ribeiro* 265
Aniversário (O nosso) — O *Director* 1
Ano Mariano (Na abertura do) — *C.º Amaro* 257
Apresentamos — *A. Jorge* 283
Assistência (A Igreja e o problema da) — *Carlos Galamba* 149
Basílica Vaticana (Escavações na) — *A. Leitão* 57
Brilhou a Luz (Nas trevas) — *P. José Ferreira* 85
Cardeal Cerejeira (O) — *A. Leitão* 187
Cardeal Spellman (O) — *J. Salvado Ribeiro* 250
Catecismo Nacional — *Lereno S. Dias* 229
Cavaleiros de Colombo — *A. Jorge* 93
Cinco anos depois — *F. C. — A. J.* 29
Cinquentenário (Um) — *P. José Ferreira* 259
Congresso oportuno (Um) — *Fernando Cristóvão* 113
Cristo no Mundo 222
Crónica ... ... 26, 55, 82, 111, 139, 167, 227, 255 e 285
Daniel Rops — *Marques Dias* 67
Dom Pedro Celestino — *Abílio Tavares* 217
F. Mauriac — O cristão e o artista — *A. Jorge* 15
Gente de palmo e meio — *Alves Guerra* 62
Homenagem de Gratidão — *P. Fernando Cristóvão* 170
Iconografia Cristã (Da) — O Pavão — *B. Santos* 78
» » (Da) — O Pelicano — *A. Teles Pereira* 97
Imprensa Estrangeira (Pela) ... ... 24, 80, 108, 168 e 281
Impressões da Índia — *Cónego D. João F. de Castro* 7
Jejum Eucarístico (A Lei do) — *P. Isaias da Rosa Pereira* 34
J. O. C. Portuguesa (Panorama da) — *A. Paiva Afonso* 241
J. U. C. (Que é a) — *S.* 121
Juventude (Fala da) — *Fernando Melro* 193
Leis Esquecidas — *Eugénio dos Santos* 21
Livro do Mês (O) ... ... 53, 84, 106, 165, 225 e 254
Moçambique (Um missionário em) — *Alberto Neto* 213
Mons. Fulton G. Sheen — *Fernando Melro* 100
Natal (A preparar o) — *B. Santos* 263
Nossa Senhora em Menina — *Fernando Melro* 125
Obra das Vocações e dos Seminários — *T. Delgado Tomás* 179
Padre Américo na sua obra (O) — *Alberto Neto* 134
Padres Operários? — *Chevalier Max Blanchart* 156
Para a sua estante ... ... 52, 110 e 138
Párocos (Têm a palavra os) — *F. C. — J. C.* 127
P. Gaston Fournier (Fala o) — *Abílio Tavares* 11
Pobres (Os nossos) — *Carlos Galamba* ... ... 248 e 273
P. Ricardo Lombardi — *Rocha Merendeiro* 43
Renovamento Litúrgico (Meio século de) 275
Romano Guardini (Pensando em) — *F. M. Carvalho* 159
Sacerdócio dos Fiéis (O Tema do) — *C.º A. Gregório Neves* ... ... 171 e 231
Sagrado Coração de Jesus (O Culto ao) — *Marques Dias* 141
Simbolismo Litúrgico — *José Guilherme* 115
Teixeira de Pascoais — *António T. de Sousa* 71
União das Igrejas (Pela) — *João Gouveia* 3
Universalismo (A caminho do) — *A. Jorge* — 201

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

Pratas de arte, jóias
bronzes artísticos
pratarias para o culto
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
CELESTINO DA MOTTA MESQUITA
Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PORTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura

ARMEIS & MORENO, LDA.

T.S JOÃO DA PRAÇA, 38

TELEF. 28055

LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna — *Machado & Ribeiro, L.da* — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 - **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Ms ica, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e f-miliares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur. 16$00 - Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 -Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr António Ferreira Pinto, 10$00 —Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00— Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P e Quillard 5$00—Manual das Noviças, 16$00

Material Escolar — Peçam catálogos indicando o género de livro

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

A firma:

João Almeida Santos

da Covilhã

especializada em artigos próprios para o Exmº. Clero, lembra a V.ª Rev.ª a conveniencia em consultar os seus preços e qualidades.



LEMBRE-SE DE QUE OS SEUS OLHOS SÃO DE UM VALOR INESTIMÁVEL

PORTANTO CONFIE O RECEITUÁRIO ÓPTICO Á

HORÓPTICA, L.DA

R. S. JUSTA, 27 ★ TELEF. 21465

A CASA QUE LHE ASSEGURA UMA CUIDADOSA E PERFEITA EXECUÇÃO

Descontos ao Rev.mo Clero

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

SOCIEDADE EDITORA ALA ESQUERDA L.DA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 BEJA Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL